A FOLHA, COMO LUGAR DE SUBVERSÃO DA PALAVRA E DA BRANCURA

Subversiva é a folha onde a palavra crê tomar pé; subversiva é a palavra onde a folha se abre à sua brancura.

Um passo na neve basta para abalar a montanha.

A neve ignora a areia. O deserto, entretanto, está nelas.

Glacial é a brancura em seus ápices.
Negro é o sol da palavra.

A aliança do papel e do vocábulo – do branco e do negro – é o acasalamento de duas subversões erguidas uma contra a outra, no coração mesmo de sua união, e com cujos custos o escritor arca.

O que se concede em aparência é, sobretudo, o que se dilacera interiormente. O olho percebe apenas o que emerge.

A evidência é o terreno ideal onde opera a subversão.

Tu escreves. Tu ignoras todos os conflitos que tua pluma levanta à sua passagem e dos quais o livro é a cartada.

O livro subversivo, talvez, seja aquele que denuncia, confundindo-as, a subversão da palavra face-a-face com a folha e da folha, face-a-face com a palavra, na esteira de um pensamento agredido.

Fazer o livro, nesse sentido, seria, no passo a passo de suas retomadas, apoiar essas forças subversivas pelas quais a linguagem, assim como o silêncio, seriam atravessados.

A subversão é tanto a arma favorita do inabitual quanto do diário.

«A relação com Deus, dissera ele, é relação indireta com a subversão.»

Toda palavra pronunciada é subversiva em relação à palavra calada. A subversão passa, às vezes, pela escolha; pelo arbitrário de uma escolha que, talvez, seja uma necessidade ainda obscura.

Subversivo, como Deus pôde pensar que o homem não o seria de nenhum modo face-a-face com Ele?

Deus criou o homem à imagem de Sua subversão.

E se a subversão fosse apenas o afastamento entre a coisa criada e a coisa escrita?

Um mesmo abismo separaria, então, o homem do homem e o livro do livro.

(«Divino ou humano – 'EU' – dissera ele – é o teatro de todas as subversões.»

«Uma arte de viver – dissera ele também – arte avançada da subversão! Lá, talvez, esteja o começo da sabedoria.»)